



escrita 51

guatá - cultura em movimento - junho de 2018

palavras

Adna Rahmeier
Andréa Palmar
Angélica Pereira
Carla Santos
Carina Paccola
Cynthia Lopes
Eder Ribeiro
Jéssica Piovezan Klein
José Maschio
Jullianna Barreto
Maísa Melara
Márcio Renato dos Santos
Maria Zaracho Robertti
Paulo Bogler
Pedro Gil Silva
Silvio Campana
Victória Nogueira
Vicente Ávalos

olhos

Ana Galeano
Áurea Cunha
Dieguito
Fábio Rodrigues Neves
Lalan Bessoni
Natália Gavotti
Pedro Gil Silva
Rogério Silva
Vero Sforza

AMBIENTES CLIMATIZADOS

SUQTEL

Pastelaria

Café
Chocolate Quente
Sucos naturais
de frutas e polpas

Doces & Salgados
Lanches
Refeições Rápidas

Pastéis Especiais
preparados na hora

Segunda a Sexta, das 7 às 18h30

Aos Sábados, até 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

Em Foz do Iguaçu:

L1 - Rua Quintino Bocaiúva, 653 - Fone: (45) 3572.5272

L2 - Rua Xavier da Silva, 649 - Fone: (45) 3523.9101

SUQTEL TAMBÉM EM SANTA CATARINA:

Joinville - Fone: (47) 3433.4650 / Blumenau - Fone: (47) 3336.0975

OC

ÓTICA CONCEITO

Uma preciosa visão para os seus olhos!



Armações seguras e flexíveis,
com design apropriado
para o seu estilo de vida



Lentes das linhas
Varilux, Hoya,
Zeiss, Crizal
e Transitions

AS MELHORES MARCAS EM UMA LOJA PERTO DE VOCÊ!

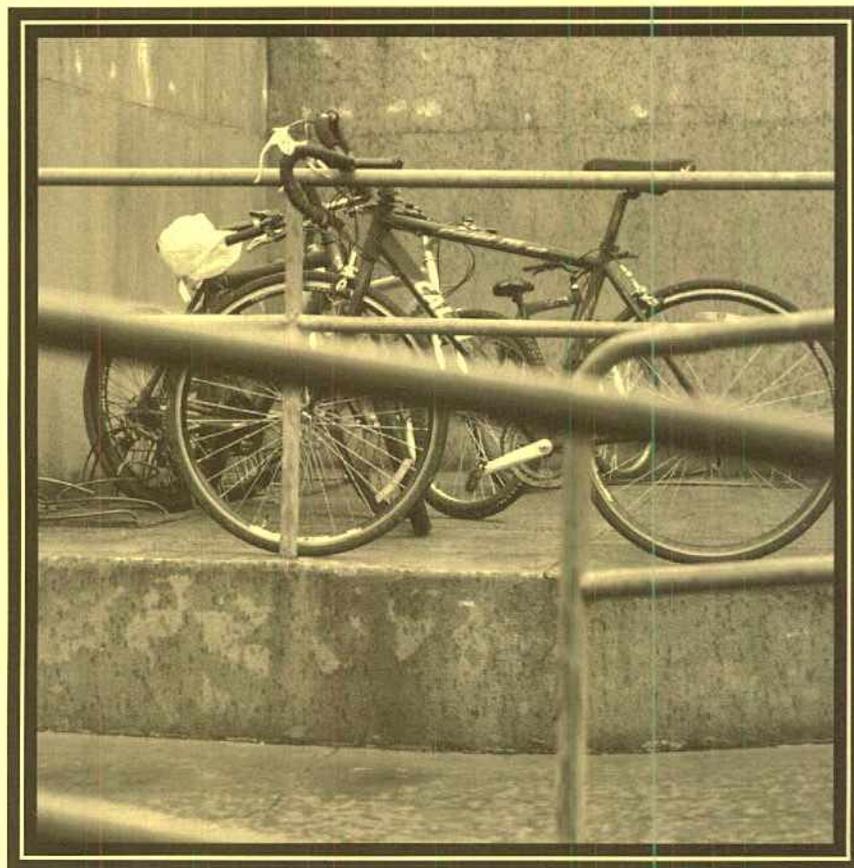
FOZ: 45 3572-4054 e 99853-7911

STA TEREZINHA DE ITAIPU: 45 3541-2278

Tudo parcelado em 12 vezes,
em cheque ou cartão, sem juros.
E nas compras à vista, super desconto!

/oticaconceito

oticaconceito2016@hotmail.com



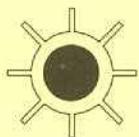
Nós lemos emoções nos rostos,
lemos sinais climáticos nas nuvens,
lemos o chão,
lemos o mundo, lemos a vida.
Tudo pode ser página.
Depende apenas da intenção
de descoberta de nosso olhar.

Mia Couto



MIA COUTO, escritor moçambicano.
ÁUREA CUNHA, fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

olhos



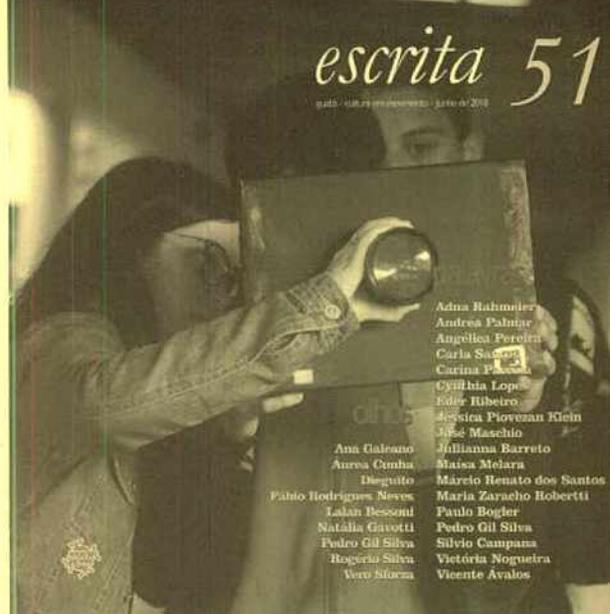
memória

Retrato de Foz, com a idade das cores da terra, do sol, da água, dos primórdios do século XX. A fotografia atribuída a Harry Schinke, feita em 1936, registra a então subida / descida do Botafogo (hoje, avenida Brasil) bem no coração da cidade que engatinhava.

No recorte amarelado, lembranças e esquecimentos de uma história que começou bem antes, ainda com outras línguas e outro jeito do viver. Mas que, afinal, em todo 10 de junho tem pinçada de seu caleidoscópio a celebrada constituição como Município em 1914. (Associação Guatá)

TEM NA CINQUENTA E UM

- Áurea Cunha e Mia Couto (03) - Cynthia Lopes (06) - Natália Gavotti (07)
 - Véronica Sforza (08) - José Maschio (10) - Carina Paccola (12) - Lalan Bessoni (13)
 - Paulo Bogler (14) - Jéssica Klein - Maria Zaracho Robertti - Victória Nogueira -
 Rogério Silva (20) - Pedro Gil (22) - Eder Ribeiro (23) - Fábio Neves (24)
 - Márcio Renato dos Santos (25) - Adna Rahmeier - Carla Santos - Maísa Melara
 - Natália Gavotti (26) - Ana Galeano - Andrea Palmar - Jullianna Barreto
 - Rogério Silva - Vicente Ávalos (28) - Angélica Pereira (30)



O inverno e o calor da Escrita

Junho chegou avisando que o inverno vem aí, trazendo um friozinho para animar as festas. Afinal, com ele também chegaram a vez da Copa do Mundo de futebol e o aniversário de Foz do Iguaçu.

Com novo mês no calendário também foi tempo de uma nova revista Escrita se apresentar. A número 51 saiu do forno recheada de boas ideias, sensibilidade e diversidade cultural. Perto de 30 pessoas dispuseram suas cores e jeitos nesta edição da Guatá - Cultura em Movimento.

Destaque para as ilustrações, desenhos e pinturas, que tomaram o maior espaço entre aqueles destinados a 'Olhos'. Autorias de um time que começa nos traços da paraguaia Véronica Sforza, inédita em nossas páginas, e se compõem com

Natália Gavotti, Rogério Silva, Dieguito, Pedro Gil e Lalan Bessoni.

Entre aqueles que nos doaram as 'Palavras', estão Carina Paccola e José Maschio. Soma-se à ótima prosa dos dois londrinenses, a ficção de Márcio Renato dos Santos, já renomado contista curitibano. Da poesia, destacamos as participações de Maria Zaracho Robertti e Andrea Palmar Almeida. As duas enviam do Paraguai poemas importantes falando do cotidiano e da política com uma ótica muito própria e madura.

Por fim, para nos aquecer ainda mais na nova estação que se inicia, esta edição da Escrita traz um registro das ações finais do Festival Auê Literário em dois colégios públicos de Foz do Iguaçu. A nossa capa, aliás, fotografada por Áurea Cunha já traz um pouco desta viagem.

escrita



Escrita

é uma publicação
da **Associação Guatá**
- Cultura em Movimento -,
entidade de finalidade cultural,
sediada
em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem
necessariamente a opinião
da entidade ou dos editores.

Conselho Editorial:

Carlos Luz, Kariny Wermouth,
Paulo Bogler, Richard de Souza
e Silvío Campana

Editor:

Silvío Campana
Mtb 20572 - 3023/11131

Revisão: Carmen dos Santos

Projeto gráfico: Silvío Campana

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal

Tiragem: 2 mil exemplares.

Circulação dirigida



Guatá
cultura em movimento

Visite:

www.guata.com.br

facebook: guata foz

Contate:

guata@guata.com.br

epidemiadepoesia

(Com Cynthia Lopes)

à espera do sol

de tanto esperar
naquele fim de mundo,
ficamos, eu e o espelho,
muito, mas muito velhos.

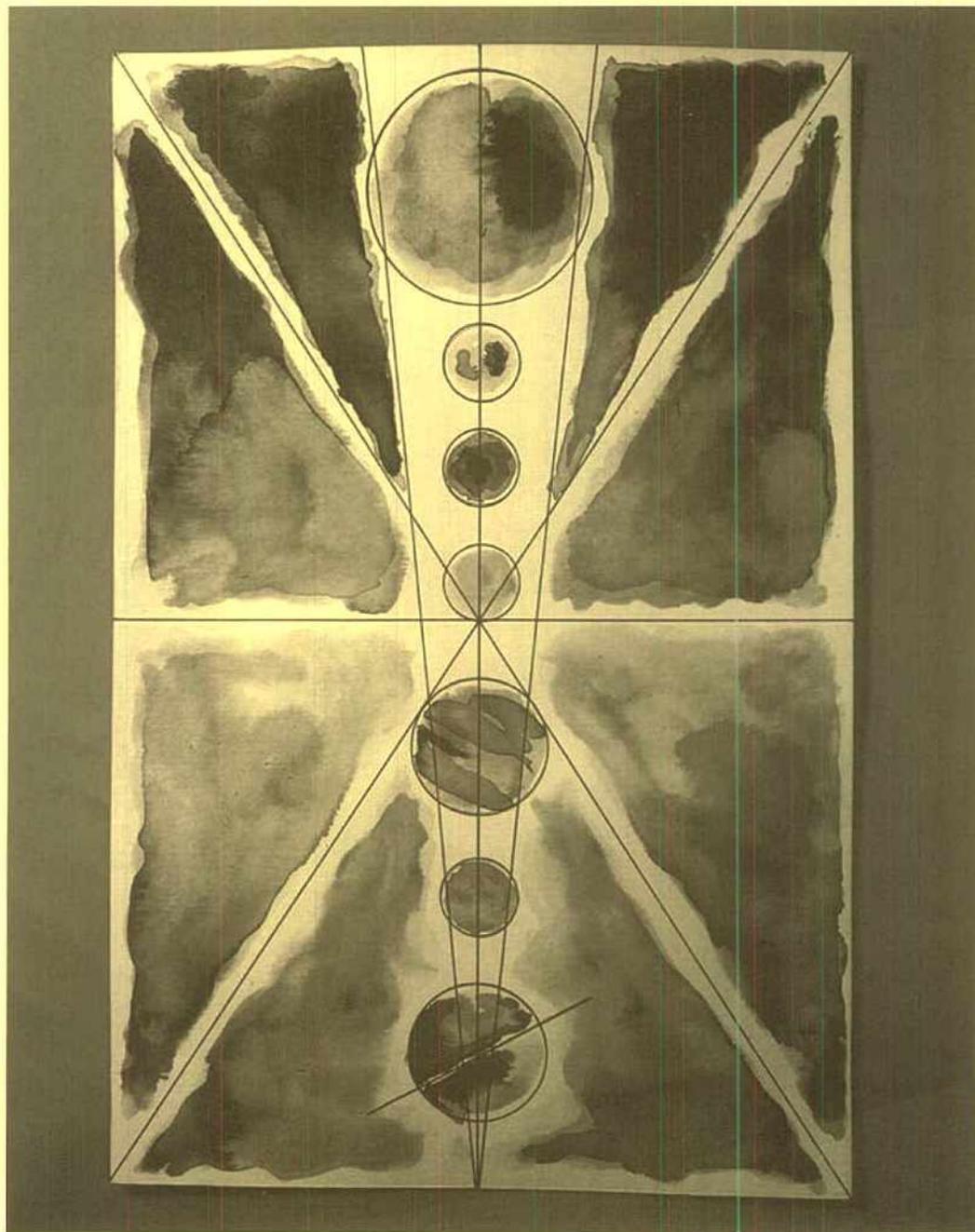
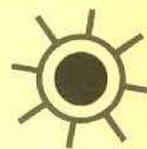
imóveis, sentados, vendo
o tempo passar, olhos nos
olhos: eu sem enxergar,
o espelho sem refletir.

cegos, ficamos a esperar
pelo calor de uns braços,
pela alegria de um verão,
pelo cheiro da roupa quarada.

ali, no meio do nada, frios,
completamente insanos,
eu, meus olhos vazios
e o espelho quebrado.



CYNTHIA LOPES é poeta
e servidora pública federal
na cidade do Rio de Janeiro, RJ.



universo cotidiano

Desenho de NATÁLIA GAVOTTI,
artista visual em Curitiba, Pr.



'Funky', desenho



'Sem título', desenho

O olhar de

Verónica Sforza é ilustradora e pintora.

Ela nasceu em 1990 em Assunção, capital do Paraguai. Seu interesse pela pintura começou cedo, aos nove anos de idade, ao ingressar no Instituto de Artes do professor Porfirio Bustos. Aos 14 passou a trabalhar no mesmo Instituto, então como auxiliar.

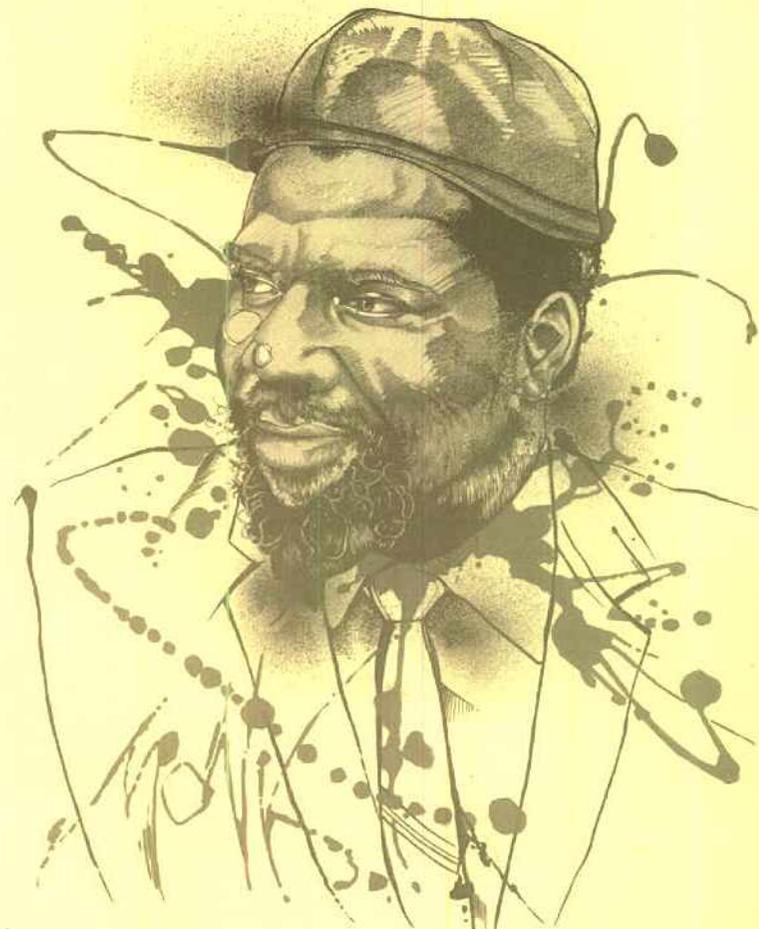
Ao finalizar o ensino médio, Vero Sforza (apelido pelo qual Verónica também é conhecida) foi para Buenos Aires, para

continuar estudando Artes Visuais. Na capital argentina fez vários cursos de especialização no Instituto Universitário de Artes Visuais e participou de trabalho voluntário na área artística na Fundação Lebenshon.

Em 2013, passou a trabalhar com ilustrações gráficas e muralismo. Nesta área de atuação, a artista paraguaia firmou-se e atualmente realiza trabalhos de ilustrações e muralismo para editoriais.



'Sem título', muralismo



'Monk', desenho

Verónica Sforza

Verónica tem no currículo várias mostras individuais e coletivas das quais participou. Entre elas, a pintora destaca a coletiva "Diversidad" (em 2015) e duas individuais relativas ao 'Dia Internacional do Jazz', em 2016 e 2017.

Suas ilustrações tem ocupado espaços editoriais. Entre seus trabalhos de muralista, estão os que fez para centros culturais em Assunção e Buenos Aires. Sobre a temática e a linguagem de sua pintura, Vero Sforza

explica que tem desenvolvido sua arte mais perto do surrealismo, sempre voltada à valorização de paisagens, da infância e da música.

"Em cada trabalho que realizo, tenho a intenção de que o observador se sinta dentro da composição, e passe a fazer parte dos traços orgânicos da obra", explica Verónica.

Observação da edição: Obras com originais coloridos, publicados em preto & branco na revista.

O Constitucionalista!

Ea notícia chegou. Lá da capital. Os tenentistas de Getúlio mataram quatro estudantes. E, depois, outro envolvido na escaramuça também morreu. Então foram cinco. Deu-se algaravia. Confusão. Ebulição. E mais notícias chegavam.

Em Assis, quase no Paraná, as notícias chegavam atrasadas. Só os letrados recebiam o Estado de São Paulo. Ou ouviam as emissoras radiofônicas. As mortes ocorreram em 23 de maio. No início de junho já quase todo mundo, no entanto, estava informado: São Paulo tinha que salvar o Brasil da praga gaúcha, chamada Getúlio Vargas.

E aconteceu comoção. Voluntariado. Gente que nunca tinha dado um tiro descobriu-se atirador. Redentores do orgulho paulista. Retomar a política café com leite. Elite e miseráveis unidos por um sonho só. Retomar o poder. Poder da elite paulista-mineira, mas orgulho do povaréu.

Isso na cidade, porque no interior, nas fazendolas e sítios, pouco se atinava dessa revolução. Por pouco tempo. À medida que as baixas, caudalosas, aconteciam nas tropas

paulistas, a propaganda se massificava.

Junto com a propaganda, enganosa, de os paulistas estarem a vencer começaram as exigências. Não mais voluntários. Agora convocados. Então foi baixado decreto.

Não só homens, mas também máquinas. Proprietários de automóveis eram requisitados a entregar seus veículos, pelo bem de São Paulo. Logo, intendentes e outros entes, compenetrados, começaram a fazer censo nas cidades do interior. Saber quem poderia ajudar mesmo a contragosto, com o a nobre causa paulista.

E a inquisição chegou à Água da Pinguela. Lá, uma italianada nada afeita às causas dos paulistas, tinha um Studebaker, caminhãozinho importado e de grande serventia. E o Studebaker foi requisitado. Seria de estimosa valia para a revolução vitoriosa. Vitoriosa na propaganda, a desmoronar na realidade.

Surgiu um impasse. Em uma época de poucos motorizados.

Nem entes nem intendentos sabiam guiar o caminhãozinho. No meio da italianada, só um cuidava disso de guiar. Piero, moço tímido nos seus poucos mais de 20 anos era o chofer. Piero que nada entendia de política, forçado foi a virar constitucionalista.

E, constitucionalista involuntário, recebeu a missão. Teria que levar o caminhão até Cruzeiro, quase na divisa com o Rio, onde os combates se acirravam. Piero, nascido e criado na Água da Pinguela, mal conhecia Assis. Nem imaginava onde ficava Cruzeiro.

Mas os intendentos e seus entes não tinham tempo para explicar ao rapaz como chegar a Cruzeiro. Tinham ordens. E ordens precisam ser cumpridas. Deram-lhe uma rota e exigiram rapidez. Afinal, já era setembro e a luta fluía, sempre a favor de Getúlio. Sempre contra os heróis paulistas.

Um Piero destroçado, macambuzio e sonolento foi o rapaz que chegou “no” Avaré. Em uma venda de secos e molhados, atrás de um café e de um pão com mortadela. O vendeiro se interessou pela sua história. E armou-se trapaça. Afinal, um Studebaker era algo raro na região.

Papo vem, papo vai, ofereceram aguardente, ao invés de café, a Piero. E, depois de homenagear o santo, mais uma dose. Aí rolou Caracu e cerveja branca. Fez-se confraria. Estabeleceu-se camaradagem. Piero sentiu-se entre os seus.

Em meio ao converseiro surgiu motorista habilitado em choferia. Chofer dos bons, de dirigir para industriais de São Paulo e Sorocaba. E voluntário da santa guerra constitucionalista. Um revolucionário de cepa. E fez proposta. Assumiria o volante do Studebaker por Piero.

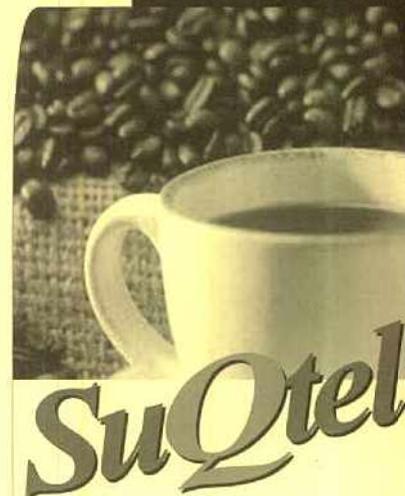
Quando Piero desembarcou na estação ferroviária de Assis, naquele final de outubro de 1932, a forças paulistas já haviam assinado armistício, eufemismo para rendição total. E ninguém mais teve notícia do Studebaker do constitucionalista Piero. ☀

Nota do editor:

Studebaker, marca de automotores norte-americanos da primeira metade do século XX.



JOSÉ MASCHIO é jornalista e escritor em Cambé, Pr.



SuQotel

café
chocolate quente
sucos naturais
e de polpas

doces & salgados
pastéis especiais
lanches
refeições rápidas

De Segunda a Sexta:
Das 7h15 até 18h30
Aos sábados, até as 14h30

**Aceitamos
cartões de crédito**

EM FOZ DO IGUAÇU:
Rua Quintino Bocaiúva, 653
Telefone: (45) 3572.5272
Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

As muitas leitoras dentro de mim



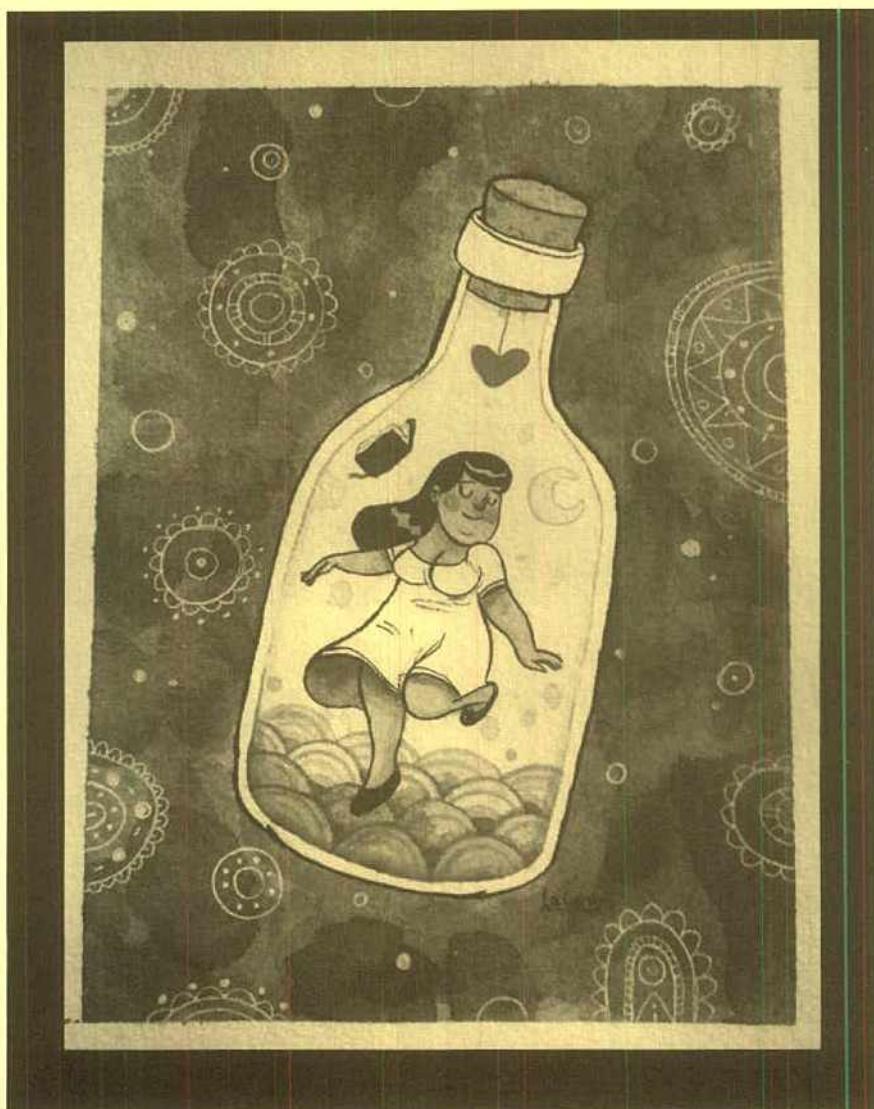
Sempre fui boa leitora. Aprendi a ler com os gibis, antes mesmo de entrar na escola. Lembro quando entendi que juntando as letras formava as palavras. Mais tarde um pouco, li a coleção de Monteiro Lobato. Na adolescência, gostava de Agatha Christie. Minha referência para leitura era minha irmã um ano mais velha. Se ela falasse “leia, que este é bom”, eu lia sem pestanejar. E se eu estivesse lendo algum livro e ela dissesse: “Este é ruim”, eu parava imediatamente. Afinal, não iria perder tempo com algo de que ela não havia gostado.

Na casa dos meus avós paternos, em Lençóis Paulista, havia um quarto no subsolo com duas camas e uma estante de livros. Quando íamos pra lá no fim de semana, eu e a Lucila descíamos e passávamos a tarde lendo. Na hora de viajar de volta, escolhíamos uns livros para levar pra casa que eram devolvidos na viagem seguinte. E ainda trocávamos entre nós. Era uma coleção muito boa da Saraiva. Foi ali que eu peguei “Os meninos da Rua Paulo” e lembro de ter chorado com a história.

Uma vez, ao descer para o quartinho, nos deparamos com a estante vazia. Minha avó explicou que havia doado tudo numa campanha da Semana do Livro. Lembro que nós duas ficamos muito chateadas. Não falamos nada para a minha avó, mas pensamos por que ela não tinha doado para nós...

Foi na adolescência também que comecei a ler jornal, para obedecer um professor que dizia que era importante. Não foi muito fácil. Meu pai assinava o Estadão. Depois do almoço, eu então pegava o jornal e pensava que tinha que ler tudo. Na página 2 eu já caía no sono. Imagine.... lendo o editorial do Estadão... ahaha... Foi então que recebi uma dica de como ler jornal. Eu frequentava muito a casa da minha melhor amiga, a Fátima. Se em casa somos em 7 irmãos; na casa dela, eram 11. Um dia, eu contei ao pai dela – que me chamava de 12ª – que eu não conseguia ler jornal, que era muito difícil. Ele então me explicou: “Você tem que folhear o jornal e ler os títulos e você só vai ler a matéria que te interessar”. Eureka! Finalmente, descobri a fórmula para ler jornal. Desde então, nunca mais parei.

Aos 20 e poucos, tentei ler *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e mais ou menos repeti o método usado antes da dica do sr. Nestor. Peguei lá o livro que é fruto de uma reportagem sobre a guerra de Canudos, feita justamente para o Estadão, catei um dicionário e a cada palavra desconhecida ia conferir o significado. Ou seja, não consegui ir adiante. E então, há pouco mais de um mês, resolvi enfrentar novamente a fera. E estou adorando. Eu paro às vezes para procurar no Google a imagem de uma flor ou de uma árvore descrita por ele. Não tenho pressa. Vou saboreando a riqueza de nossa terra e de um vocabulário tão diferente do meu dia a dia. ☀



la botelha

Desenho de LALAN BESSONI,
ilustrador em São Paulo, SP.

Olhos





Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino

Traduzir o mundo pela leitura e a palavra

Tatear, decifrar, traduzir os elementos da linguagem.
Criar conexões entre o texto e a imagem, explorando
as possibilidades de interpretação da realidade.

Escrever o silêncio e emudecer a palavra.

Ler para no ato seguinte transver.

É o que propõe o projeto Festival Auê Literário.

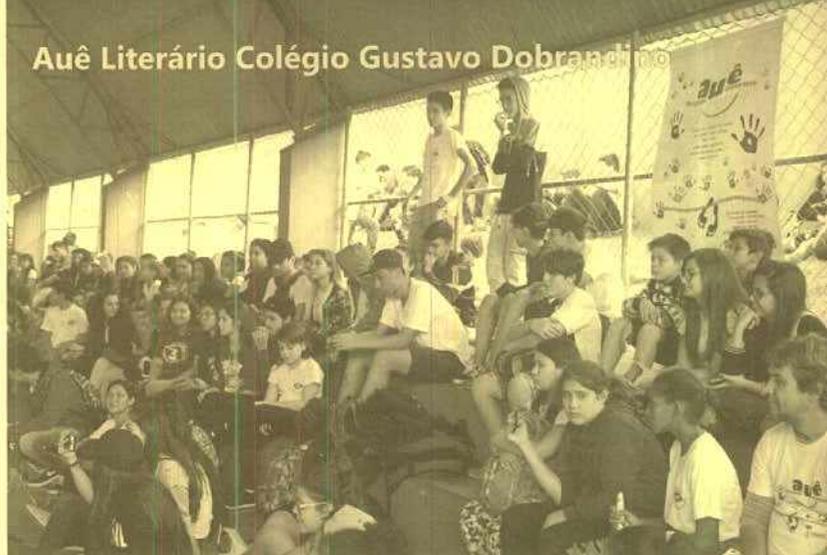
Texto: Paulo Bogler / Fotos: Áurea Cunha e Paulo Bogler



Auê Literário no Colégio Flávio Warken



Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino



Primeira etapa do projeto foi nos colégios Gustavo Dobrandino e Flávio Warken

A iniciativa de formação de leitores e incentivo à escrita e às expressões é dirigida a estudantes de escolas públicas da rede estadual de educação. No primeiro semestre, o Auê Literário passou pelos colégios Gustavo Dobrandino e Flávio Warken, nas regiões do Porto Meira e da Vila C.

Nas escolas, agentes de leitura, artistas, profissionais de comunicação e produtores culturais promovem espa-

ços de trocas com os estudantes participantes da ação. Nos encontros, oficinas e workshops são espaços voltados para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação.

E criatividade não falta para os estudantes. No exercício de criação binômio fantástico, por exemplo, eles exploram múltiplos sentidos de elementos opostos, como objetos, imagens e sentimentos. No workshop de fotografia, surgem novos olhares sobre o cotidiano da escola e do ambiente de ensino.

Auê Literário: oficinas e workshops com artistas e comunicadores priorizam a imaginação como elemento principal no estímulo à leitura



“A expressão reta não sonha. Não

Leitores e escritores novos

Mas as ideias e os olhares não ficam voando por aí. Eles são materializados e compartilhados com a comunidade escolar. Ao final de cada ciclo, o Auê Literário apresenta uma publicação, uma exposição e uma cartonera com textos dos alunos, juntamente com apresentações artísticas.

A estudante Samara Oliveira Henrique, de 14 anos, estuda no Gustavo Dobrandino. Com 15 anos, Adam Smith Ferreira da Silva Junior é aluno do Flávio Warken. Os dois participam das revistas do projeto de cada escola. Em comum, não gostavam de ler ou escrever textos de ficção.



“Aprendi a gostar nas oficinas e agora não vou parar mais. Estou muito feliz de saber que as pessoas estão lendo algo que escrevi”, diz Samara. “Não esperava chegar tão longe e descobri algo que quero continuar fazendo. Dá orgulho ver um texto meu publicado na revista” frisa Adam.



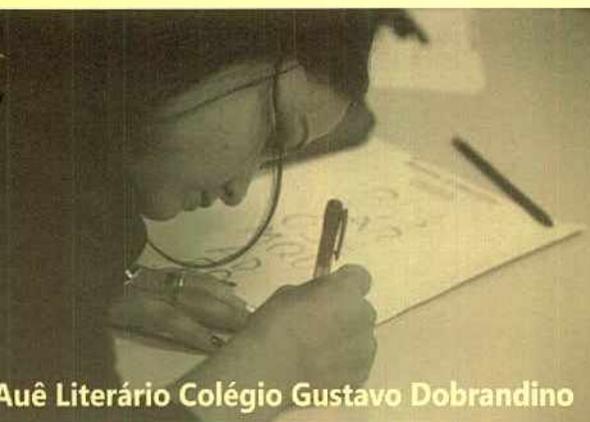
Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino



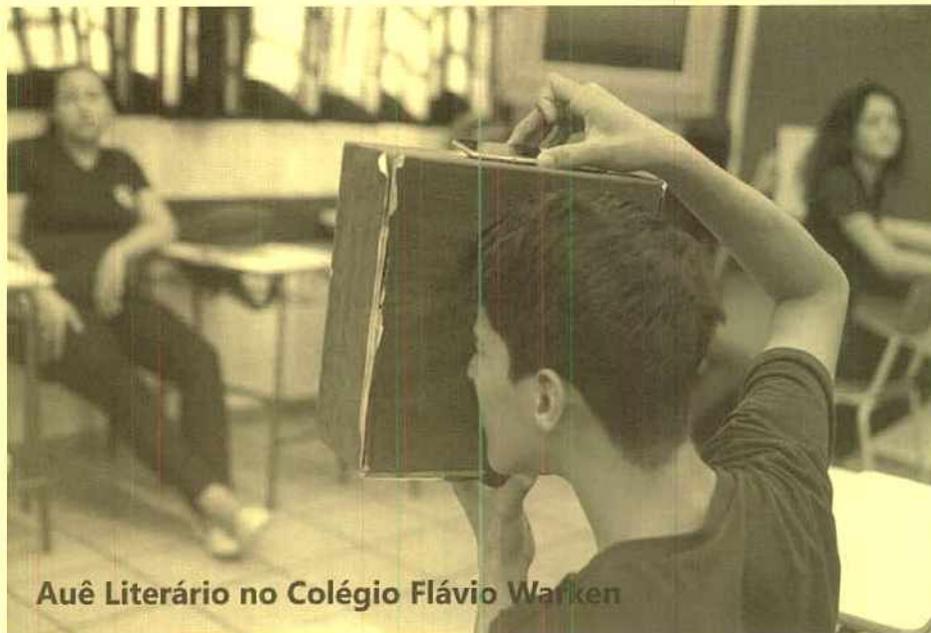
Auê Literário no Colégio Flávio Warken

o use o traço acostumado”

(Manoel de Barros)



Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino



Auê Literário no Colégio Flávio Warken



Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino



Auê Literário Colégio Gustavo Dobrandino



Auê Literário no Colégio Flávio Warken

Áurea Cunha fotografias

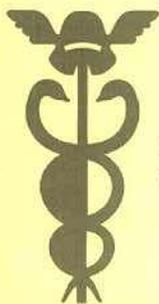
- Retratos
- Reportagens
- Publicidade
- Filmagens
- Tratamento
- Edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br
facebook: aureacunha.fotografia



Sigilu's

CONTABILIDADE
E ASSESSORIA LTDA.



Consultoria
e assessoria
em serviços
contábeis

Fone: (45) 35235886
sigiluscontabil.com.br

Rui Barbosa, 361 - Centro
Foz do Iguaçu / PR



Integração e valorização dos talentos

Professoras parceiras na realização do projeto, Ângela Moreira e Fabiola Bomdia destacam a valorização dos talentos dos alunos e a relação entre a escola e a comunidade. A utilização da arte como possibilidade para a interpretação do mundo também é um ponto ressaltado pelas educadoras.

"Para os alunos foi muito importante a valorização da arte e do talento deles", pontua Ângela Moreira, do Colégio Gustavo Dobrandino. "Foi uma evolução em que o projeto contribuiu para o incentivo à leitura e à literatura, como podemos ver no material dos estudantes", diz.

"A arte possibilita novas interpretações do mundo e isso é fundamental para a juventude", enfatiza Fabiola Bomdia, do Colégio Flávio Warken. "Nossos alunos puderam mostrar suas ideias e expressões artísticas. A escola sai fortalecida dessa relação com a comunidade", reflete.



Projeto

O Festival Auê Literário é um módulo do programa Tirando de Letra, mantido pela Associação Guatá. A ação conta com o patrocínio da Itaipu Binacional, sendo mantido em parceria com professores e estabelecimentos de ensino da rede estadual.

Em cada escola, o projeto realiza quatro oficinas, workshops e finaliza com um encontro cultural. O encerramento reúne as criações e os materiais de autoria dos alunos, que resultam das formações. Os estudantes de cada instituição participam de uma agenda de apresentações artísticas.

A revista do projeto é editada exclusivamente com textos dos alunos participantes das oficinas e workshops. Cada escola tem uma publicação, custeada com recursos do projeto e distribuída gratuitamente. Também fica para o colégio uma coletânea dos estudantes produzida em cartonera. ☀

Saiba mais sobre o projeto: www.guata.com.br

• RECARGA DE TONERS
E CARTUCHOS
PARA IMPRESSORAS

CARTUCHOS
REMANUFATURADOS
E ORIGINAIS

MANUTENÇÃO
DE IMPRESSORAS

Tânia Lima

Cel. 99138.2498 99910.9422



(45) 99844.3652

Foz do Iguaçu - Paraná

taniaxavier_lima@hotmail.com



Elizangela Lazzaretti

OAB/PR - 27311

Área da atuação:
**Cível, Eleitoral, Família,
Contratos**



Rua Rui Barbosa, 778, sala 12
Centro Comercial Adriana
Foz do Iguaçu - Paraná

Fone: (45) 3029-1160

Cel.: (45) 99959.0221

2

Esto no es un postal

Nosotros, que crecimos al costado de la ruta siete, no podemos como ciudades intermedias tener emociones intermedias. No podemos responder al incendio atroz del capital que arrasa con las selvas, con tibieza. Nosotros que aprendimos a falar portugués y cantar las canciones que aparecían en nuestros televisores no podemos recoger recuerdos edulcorados de hits , posters y coreografías como unicos souvenirs de un pasado reciente.

Nosotros , que crecimos al lado de una ruta, y a la sombra de antenas parabólicas y busters al costado de esa ruta cuyo arrullador sonido de scanias y buses de largo trayecto fue por años nuestra nana, si, nosotros , no podemos desoir ahora los gritos de la borrada frontera, los gritos de la tierra colorada, los chillidos de la injusticia, las nanas tristes de los niños y su despojo violento y su ternura rota que viaja en los cochecitos de restos de Yvyraró o Yvyrapyta pintados con los colores de Coca Cola o verdeamarelos, que se pasea por casitas de muñeca, que monta los caballitos de madera, mecedoras donde el tiempo y el viento nos balancean entre la selva y la ruta, entre atras y adelante, entre las canciones alegres y el llanto de los niños. ,

MARIA ZARACHO ROBERTTI

1

Alguien dijo que encontró un poema en una fosa clandestina en algún lugar de México.

Sabemos de casos de gente que finge su muerte , y a veces su vida (pensé).

Enciendo un cigarrillo como una vela.
(me dijeron hace poco que son hábitos del pasado).

Nunca fui a México, pero distingo el olor de la muerte como un perro.
Olfateo la honestidad de vez en cuando.
Un amigo me dijo que la honestidad es un viejo hábito.

Debo confesar que siento predilección por las cosas del pasado. ,

ASUción , alma de piedra.
¿de donde vienen las semillas de tus naranjas, tus lapachos Y tus flores?

Cuando la vida te golpea, hay que exigir *Kunu'u como derecho humano inalienable.

*Kunu'u : afago, carinho, cafuné

olhos & palavras



'Dara', desenho (releitura), de ROGÉRIO SILVA

Estrutura

Estrutura emocional

Estrutura social

Estrutura familiar

Estrutura de casa

Estrutura física

Estrutura

É disso que somos feitos?

Que estrutura?

O que é estrutura?

Nós somos as estruturas?

Qual sua estrutura?

Quem constrói vc?

Estrutura?

■ JÉSSICA PIOVEZAN KLEIN

┌

...

Mais uma vida tirada
Mais uma bala cravada
Mais uma camisa perfurada
Mais uma mãe que chorava

Mais uma criança criminalizada
Mais uma criança esmagada
Mais uma criança levada
Mais uma criança baleada

Para o pobre a perda
Para o rico o ganho
Para a mãe a lágrima
Para as estatísticas mais um

Para o sistema foi cedo
Para a mãe foi dor
Para o racista 'negro bandido'
Para a mãe era só seu filho

...

Até onde iremos com essa guerra?
Brasil 2018

└

VICTÓRIA NOGUEIRA

Recr Criar Ar

■ JÉSSICA PIOVEZAN KLEIN ■



Maria Zaracho Robertti é poeta, psicóloga e gestora cultural em Coronel Oviedo, PY.

Jéssica Piovezan Klein é professora de ensino fundamental em Foz do Iguaçu, Pr.
Rogério Silva é artista visual em Foz do Iguaçu, Pr.

Victória Nogueira é estudante de Ciências Contábeis em Manaus, AM.

Filhos do tempo

O tic tac do relógio bate todo o tempo longe de vocês. E ele é lento e sonoro. Doente e dolorido! Às vezes nem aguentamos mas estamos aqui pra isso. Pra soar... e transcender!

Somos fruto e filhos do tempo, sem escolhas ou chance. Temos que ressoar mas não necessariamente reproduzir. Somos filhos e histórias de vocês mas não e nunca reprodução. Somos e devemos ser melhores! Nascemos pra isso. Somos a contravenção já disseram... E somos isso mesmo, queremos porém não nos formamos sozinhos, somos fruto do sofrimento, da falta, da vontade, da dor e do choro! Somos mais fortes e muito mais afáveis. A gente quer o melhor e trabalharemos pra isso até o final, nem que isso custe nossa vida que vocês chamam de alma, nós chamamos de essência!

Vocês devem vidas pra nós, vocês devem amores, devem histórias, devem decência, devem glórias, devem tudo o que vocês acham que tem. Nós construímos seus impérios, nós construímos suas escolhas, nós construímos suas músicas... O que são vocês mesmo?

Vocês não nos reconhecem porque nem sabem quem são, nós somos o real, vocês são o que vocês criaram! Nós somos o sofrimento, vocês são o prazer que nos dão em doses homeopáticas e doências a favor das suas vontades... Nós sabemos o nosso poder e vocês nos usam até quando deixarmos. O tempo é sempre nosso!

Povão F.C.

TEXTO E ILUSTRAÇÃO DE PEDRO GIL SILVA

“Futebol é o ópio do povo”.

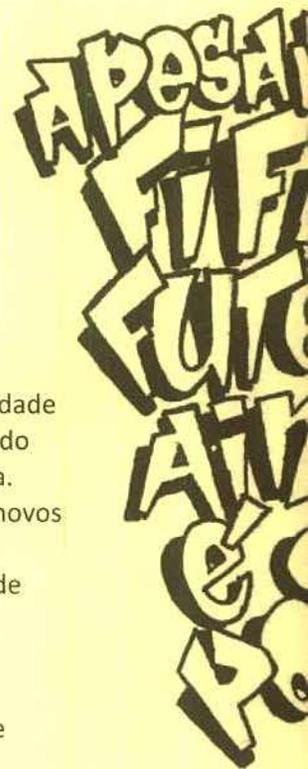
Considero essa frase como o ópio daqueles que não gostam de futebol, ou dos que não gostam do povo. Se tratando de algo tão popular quanto o futebol, existe uma linha muito tênue entre a crítica e o elitismo. Se por um lado não podemos nos deixar levar pela balela ufanista que martela o tempo todo a tal da “paixão nacional”, ignorar seu apelo popular enraizado no imaginário das massas do mundo inteiro não deixa de ter seu quinhão de crueldade.

Para além de grandes entidades desportivas que recebem/repassam/lavam/corrompem quantidades obscenas de dinheiro, o futebol respira e transpira no campinho da esquina. Para cada marca multimilionária que extorque torcedores com camisas a preços exorbitantes, um garoto pinta a própria camiseta, com número e nome do seu jogador favorito. Para cada estádio gentrificado, uma senhora, já na casa dos oitenta, acompanha com um radinho de pilha o jogo do seu time do coração, apoiada na janela da sala, enquanto vê o movimento do alto do morro.

Claro que nem tudo são flores. Vivemos em uma sociedade ainda muito problemática, e o futebol acaba impregnado de contradições. Mas ainda aí há uma luz de esperança. Para cada manifestação xenófoba nas arquibancadas, novos times são formados por imigrantes na periferia de uma grande metrópole, integrando uma comunidade transplantada para uma realidade com a qual não se identifica, muitas vezes de maneira brutal. Para cada demonstração de sexismo nos estádios, uma garota encontra refúgio e novas amizades no time feminino da escola. E a dinâmica segue.

A sociedade muda, e o futebol também.

Por último, e não menos importante, se o futebol pode ser instrumentalizado pelos governos a partir da velha fórmula do pão e circo, ele ainda é uma ferramenta popular de manifestação popular. Um time ucraniano que, frente a ocupação nazista, se recusa a perder do time alemão e é executado. Manifestações nas arquibancadas contra a ditadura de Franco na Espanha, contra o regime militar no Brasil e o estopim da Primavera Árabe no Egito. Um jogador que assume a homossexualidade e morre pobre, em desgraça, mas vira o símbolo de uma luta. A política caminha a passos tímidos rumo à pluralidade. O futebol também. Muitas são as barreiras, mas o que é do povo, ainda que por vezes seja usurpado, não pode ser tomado. O futebol respira, em cada esquina, a todo vigor. ☀





Ser Gavião... és brasileiro

No dia 1 de julho de 2018 estaremos há um ano de se completar meio século de vida dos «Gaviões da Fiel Torcida».

Da quadra no Bom Retiro (na primeira década da ditadura militar), passando pela Rua São Jorge (no período democrático popular no Brasil, entre a segunda metade da primeira década do século XXI e o começo da atual década), ou, até mesmo em manifestação na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, o corintianismo se pratica e se constrói, eternamente em nossos corações.

O Corinthians sendo o time do povo é a religião de milhões de brasileiros, que, na sua existência do cotidiano, é humildade no viver, leal à solidariedade e procede na luta por uma transformação da sociedade de classes.

Portanto, seja reivindicando a democracia, ou cobrando uma digna merenda escolar, o ser gavião jamais acabará. A história dessa torcida também é a do povo brasileiro, na busca da liberdade social.

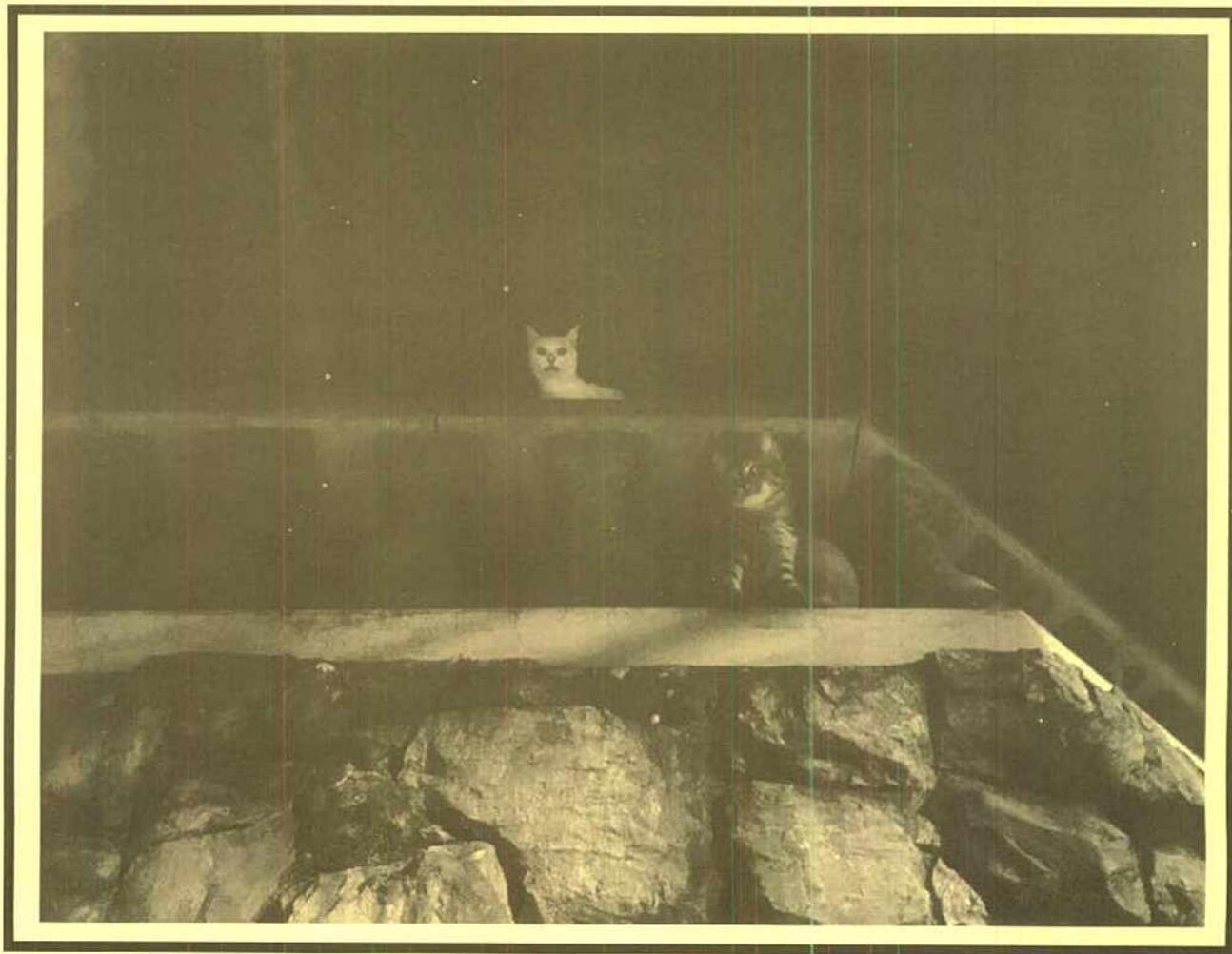
Palavras de um corintiano viajante...
A caravana não pára! ☀

EDER RIBEIRO



EDER RIBEIRO e PEDRO GIL DA SILVA

são estudantes de Geografia da UNILA, em Foz do Iguaçu, Pr.



vigilantes (mário e mingau)

Fotografia de FÁBIO RODRIGUES NEVES,
morador de Foz do Iguaçu, Pr.

O inverno é logo ali

Nina confere a placa, pergunta ao motorista se a viagem é para ela, Nina, e entra no Citroen C3. Ou o Uber parou e o motorista, Pablo, perguntou se ela era a Nina? Agora, o carro segue pela Clóvis Beviláqua, a rua onde ela mora, no Cabral. Pablo quer saber se Nina tem preferência por algum trajeto, ela diz que não sabe, ele oferece bala, Nina recusa, enquanto, no rádio, Ná Ozzetti canta “Atlântida”, da Rita Lee.

A paisagem se transforma, o Cabral se torna Alto da XV e daqui a pouco já é Centro. Nina sente o vento do fim da manhã no rosto e, por alguns minutos, esquece que seu quinto pododáctilo direito dói. A arquiteta bateu o dedo mínimo do pé em uma cadeira, em um canto da cama e em uma porta — em sequência, no mesmo dia. Inchou, deve ter fraturado, mas ela não foi ao hospital. Uma semana depois, bateu novamente o mesmo dedo, a dor se intensificou e ela, outra vez, não procurou serviço médico.

Passaram alguns anos e quando está quente o menor dedo do pé direito da arquiteta não dói. Mas desde a primeira fratura, o dedo — hoje talvez ainda fraturado — é capaz de anunciar a chegada de uma frente fria e do inverno. A sinalização se faz por meio de dor e, agora, Nina sente o desconforto, apesar do vento que entra pela janela do carro e toca seu rosto — ela percebe

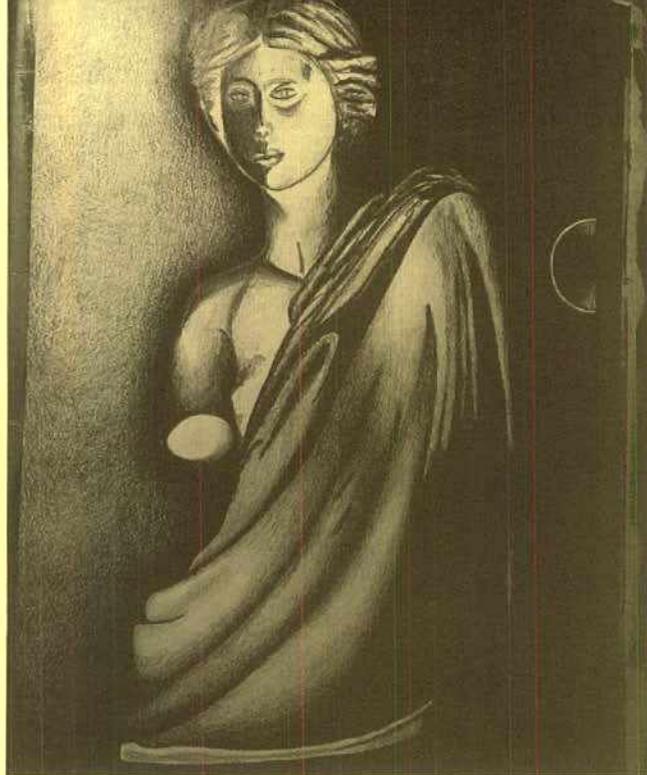
que está em uma rua do São Francisco e, no rádio, o Fábio Elias canta “Nunca mais”.

Em 2015, Nina sentiu o início do inverno ao observar um fim da tarde pela janela de sua sala. Uma chuva forte marcou a mudança de estação em 2016. Ano passado, ela caminhava por uma rua do centro, o sinal para pedestres estava fechado e, ao esperar, durante segundos, um vento gelado atingiu Nina, seu dedo e ela percebeu que o frio estava para chegar. Este ano, já vieram as águas de janeiro, fevereiro e março, o inverno ainda está oficialmente distante e, enfim, hoje o dedo do pé direito da arquiteta dói, da mesma maneira e intensidade que doeu na véspera do frio nos anos anteriores.

O Uber para devido ao sinal vermelho. Pablo pergunta se Nina deseja que ele feche os vidros e ligue o ar-condicionado, mas ela diz que não é necessário. Em uma parede, está grafitado: “primeiro frio do ano/ fui feliz/ se não me engano”. Nina sorri com o haicai do Paulo Leminski. Em uma estação de rádio, toca uma versão que Luiz Melodia fez para “Leros, leros e boleros”, do Sérgio Sampaio: “Leros e leros/ Traga branco o seu sorriso/ Em que rua/ Em que cidade/ Eu fui mais feliz?”. O carro segue e, daqui a pouco, ela vai chegar a seu destino — o inverno é logo ali. ☀



MARCIO RENATO DOS SANTOS é escritor e jornalista em Curitiba, Pr.
Conto publicado originalmente na revista VOi 151, abril de 2018



'Straight the pose',
desenho de NATÁLIA GAVOTTI

Banquinho da praça

Senta aqui
Me conta de você
Como vai a sua alma

Não quero saber
Só como você tá
Nem como foi seu dia

Quero saber o que
Te causa agonia
Ou o que te faz escapar dela

Escolhe
Você, eu, nós
Que estamos sentados
nessa conversa

Deixa esse grilo de julgar
Pra lá
A intenção das minhas palavras
Sempre foi renovar

Também, se não quiser falar nada
Pode só ficar
Estamos todos atados nesse lugar

Como os nós de uma rede
Lançada ao mar
Prontos pra se segurar~

Pediu, tá perdido

PEÇO PREZO ao APREÇO
à
há PRESSE
PEÇA PRESA à PRESSA

PERDIDA

(*) MAÍSA MELARA

Daqui do meu cantinho

Todo dia assisto ao pôr do sol
com carinho

Um laranja intenso aponta
o começo da despedida
E aos poucos o rosinha
vai nos preenchendo
Reforça o brilho espelhado da retina

Os rastros de nuvens se acinzentam
No topo do céu
um azul mais escuro vai aparecendo

Cercado pelo amarelo curto
Da rápida despedida
Agradecemos coloridos
o passar do dia a dia

Piscando,
Cada estrela renasce
em mais uma noite linda

Ciento e tantos... (Foz)

Nuestros abuelos,
nossos pais,
(nós mesmos)
e aqueles que ainda virão

ocuparam
(ocupamos)
ocuparão
teus portos (in) seguros,
com sonidos tão diferentes quanto
possíveis

as dores, las sonrisas, mbo'a'su de los ojos,
se mesclaram
(se mesclam)
se mesclarão
ao silêncio do rio

Ele, inatingível
pela concordância do(s) verbo(s),
espreita e concede
a primeira lição
da dialética do mundo.

As águas
foram (são) serão
outras a cada instante
e fomos (somos) seremos
sempre outros
ao olhá-las em qualquer tempo.

Navegando-o, vamos personas,
que eram, (que fuimos), que serão.

Seremos?

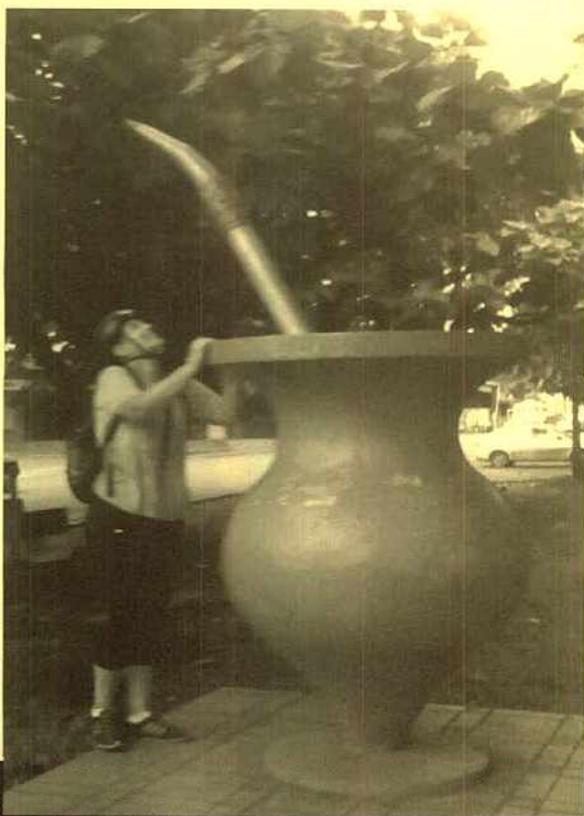
■ VICENTE ÁVALOS

O palav



Vapor no rio Paraná, década de 40. (Autoria indefinida)

(*)mbo'a'su – dor ou a dor que se sente, em guarani



■ 'Escalada', fotografia de ANA GALEANO

A melhor razão de viver

Amar outro ser
É compreender
O grande amor
Do nosso criador.
Ele permite que uma mulher
Possa levar o calor
Em seu ventre.
Um bem tão belo
E perfeito
Que transforma
A felicidade plena
Em prazer,
Em acolher
E cuidar
A mais serena

Existência do amar.
Esse amor é o resultado
De querer
O milagre
Da vida
Que passa no sangue
Escondido em um capuz
Buscando à luz.
O embrião
Que leva o coração
Do mais sincero amor
Entre uma mãe
E seu ser
Tornando-se
A melhor razão de viver.

■ JULLIANNA BARRETO

hos & ras

Guardiã

E na íntima noite
O Leão surge
Ruge graurr
Defende o poema
O protege à noite

E quando amanhece
Espairece
Feito um gato
Aparece
Manso faz charme
Mia miauuu
Ronda entre as pernas
Da poesia
Durante o dia

Felina feminina
Guardiã do poema
Eis o dilema
Um emblema

■ ANDREA PALMAR ■

Dou minha cara escrita
Nesses versos brancos
Uma mirada poética
Sobre o que penso, vivo
e mais um outro tanto

■ ANDREA PALMAR



En-gas-go

**Me rasgo
Sílabas por sílabas,**

.
**Conheço teus traços;
Te traço,**

.
En-gas-go;

.
Tomo um ar.

.
Des-fruto teus pedaços.

.
**Me rasgo,
Por amar.**

.
**Com ou sem riscos,
Me rasgo
Em rabiscos...**

Valentia

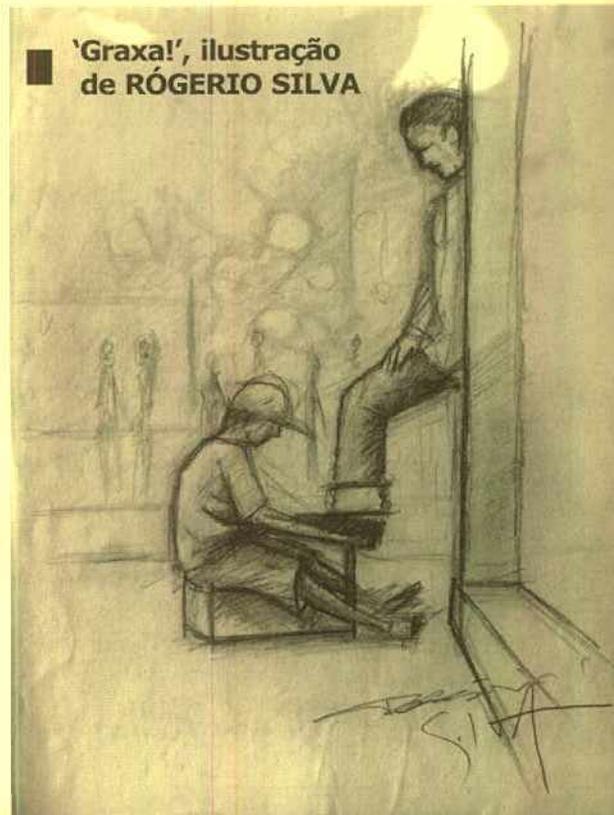
Escrever poesia
Não é viver
Num mundo de
Fantasia

Escrever poesia
É viver
Escrevendo com
Valentia

É defender
Seu ponto de
Vista
Nesses dias

■ ANDREA PALMAR

■ 'Graxa!', ilustração
de RÓGERIO SILVA



Andrea Palmar de Almeida,
brasileira, poeta e microempresária em Assunção, PY.
Ana Isabel Galeano,
servidora pública municipal em Foz do Iguaçu, Pr.
Jullianna Barreto Aquino,
é jornalista, professora e assessora literária em Hernandarias, PY
Rogério Silva,
artista plástico em Foz do Iguaçu, Pr.
Vicente Ávalos,
brasiguaião, em trânsito pela Argentina.

Eu no Auê

Em uma oficina do Auê Literário em que eu estava como mediadora, a atividade proposta era que os participantes realizassem um exercício de criação, por meio de dois elementos opostos, podendo ser objetos, imagens, sentimentos, etc. Primeira inquietação, eu ajudando no processo dos participantes, de repente, me questionam:

– Angélica, mas isso não existe de verdade, você tá imaginando demais.

Respondi de prontidão. Existe sim, na minha cabeça, eu que inventei então existe, é isso que nos diferencia dos outros animais, nós podemos imaginar, não é? Me olharam com um olhar, como quem faz a pergunta ‘o quê?’

Continuamos o exercício, e a segunda pergunta:

- Angélica, e você não vai fazer?

Dessa vez eu não tinha resposta, até por que ela tinha razão. Se eu não faço, se não imagino, como posso mediar uma atividade que o principal é a imaginação? Caminhei até o meio da sala, onde estava uma caixa com várias coisas dentro, peguei

duas como eu mesma tinha proposto, duas que não se pareciam em nada; uma dela era uma pena, eu interpretei como uma asa de passarinho, a segunda uma frase do Einstein “educação é tudo aquilo que esquecemos que a escola ensinou”.

E aí está, o meu binômio fantástico:

A educação dá asas, dá possibilidades de sonhar, imaginar.

É importante compreender o real. A realidade está presente fisicamente, tem nome, espaço-tempo.

O concreto está posto, condicionado, condicionante mas não determinante.

A compreensão do presente, nos coloca num espaço-tempo, como sujeitos históricos, que somos. Entender o real, dá possibilidades de criar, transformar, desejar realidades que nem existem, mas possíveis pois todo futuro começa no presente.

As asas da imaginação permitem explorar, almejar, lutar por outras formas de viver a vida, coletivamente, individualmente, realmente como gente.



ANGÉLICA PEREIRA, estudante de História em Foz do Iguaçu. É voluntária do programa Festival Auê Literário, realizado pela Guatá.

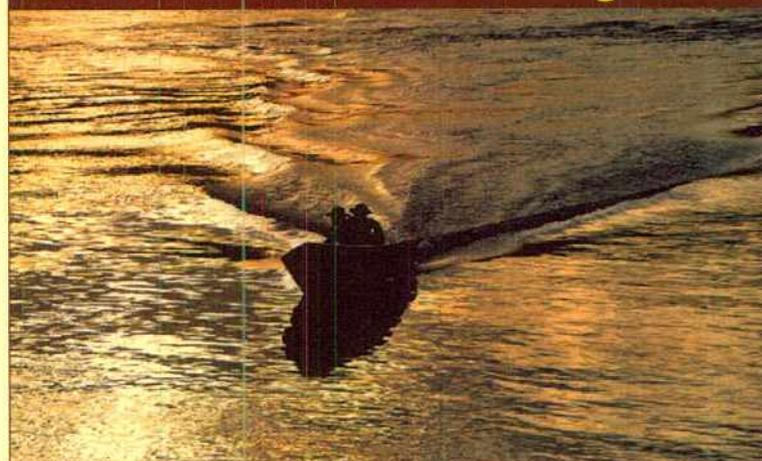


ideal

IND. GRÁFICA

Av. dos Imigrantes, 81 / Vila Yolanda
45 3523 7176 / 3028.7176
graficaidealfoz@gmail.com
www.graficaidealfoz.com.br

Áurea Cunha
fotografias



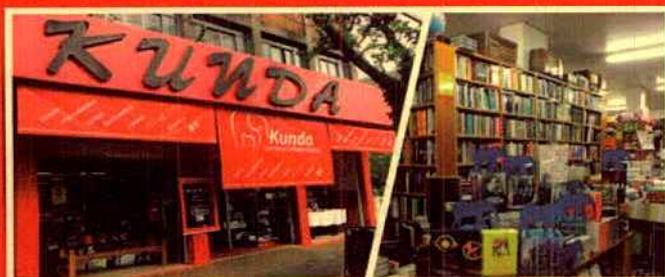
Retratos - Reportagens - Publicidade
Filmagens - Tratamento e edição de imagens digitais

Fone: (45) 99977.4490
aureamcunha@yahoo.com.br



Kunda

Livraria Universitária



Bibliodiversidade garantida.
Mais de 50.000 livros em todas
as áreas de conhecimento.

Rua Almirante Barroso, 1473
(45) 3523-4606

- . Direito
- . Economia
- . Administração
- . Medicina
- . Psicologia
- . Ciências Humanas
- . Ciências Exatas
- . Línguas



DGIFOZ

COMUNICAÇÃO VISUAL

(45) **3027-0003**
www.dgifo.com.br



HÁ 44 ANOS,
PARECIA IMPOSSÍVEL
GERAR TANTA
ENERGIA.

HOJE, PARECE
IMPOSSÍVEL VIVER
SEM ELA.

No início dos anos 70, quando Itaipu foi planejada, imaginava-se um salto na produção de energia e desenvolvimento do Brasil e do Paraguai. Mas nunca se imaginou que fosse possível produzir tanto.

De 1984, quando a produção teve início, até hoje, a energia acumulada por Itaipu é a maior de toda a história.

Pra você ter uma ideia, a soma seria capaz de iluminar por 40 dias o planeta inteiro. E sabe o que é melhor? Com energia limpa e renovável. Energia que ajuda o Brasil e o Paraguai no caminho da sustentabilidade. E a crescer sem medo.

*Itaipu, 44 anos.
A maior geradora de energia limpa
e renovável do planeta.*

ITAIPU
BINACIONAL